

Etnogeografia da Fachada Atlântica Ocidental da Península Ibérica.

Jorge de Alarcão*

ABSTRACT

The «Ora Maritima» refers to various peoples of the western seaboard of the Iberian Peninsula: Sefes, Cempsí, Ligus or Lycis, Dragani. Herodotus adds the Kynetes. Later Polybius refers to the Conii.

A brief outline of the material culture of the area is presented, deduced from the archaeological record. The ethnic filiation of its peoples is discussed: Sefes and Cempsí were Celts; a non-Indo-European origin is suggested for the Kynetes and Conii although some anthroponyms identified in the funerary inscriptions of the Conii appear to be Indo-European.

Ptolemy's ethnogeographical framework is also presented, since despite its late date, it provides evidence of earlier ethnic distribution.

Similarly the localization and ethnic origin of the Lusitani are discussed, a name that does not appear to correspond with a people, but a set of tribes partially recorded in the inscription of the Alcántara bridge (CIL II, 760).

RESUMO

A Ora Maritima refere-se a vários povos da fachada ocidental de Península Ibérica: Sefes, Cempsí, Ligus ou Lycis, Dragani. Heródoto acrescenta os Kynetes. Más tarde, Políbio refere os Conii. Procura-se localizar estes povos e estabelecer a relação entre Kynetes e Conii.

Apresenta-se brevemente o quadro da cultura material da área, deduzida do registo arqueológico.

Discute-se a filiação étnica desses povos: Sefes e Cempsí seriam Celtas; quanto aos Kynetes e Conii sugere-se uma origem não indo-europeia, ainda que pareçam indo-europeus alguns antropónimos identificados nas inscrições funerárias conhecidas dos Conii.

Apresenta-se o quadro etnogeográfico de Ptolomeu que, apesar da sua data tardia, poderá recordar uma distribuição étnica mais antiga.

Discute-se ainda a localização e a origem étnica dos Lusitanos. Esta designação parece corresponder não a um povo, mas a um conjunto de povos que estariam parcialmente inventariados na inscrição da ponte de Alcántara, CIL II 760.

1. CINETES, CEMPSOS E SEFES

A notícia literária mais antiga que temos sobre povos do actual território português encontra-se nos versos 182-223 da *Ora Maritima*. Avieno refere os Cempsí, os Sefes, o pernix *Ligus* ou *Lycis*¹, *Dragani* e os *Kynetes*; dá-nos, assim, o quadro etnogeográfico da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica nos fins do séc. VI a. C., data à qual se atribui a redacção do périplo que serviu de base à *Ora Maritima*.

O *Anas* (hoje Guadiana) regava, segundo Avieno, a terra dos Cinetes. O limite da Europa, que não pode ser senão o cabo de S. Vicente, chamava-se, ainda segundo o mesmo autor, *Cyneticum*. Assim, os Cinetes ocupariam todo o Algarve e possivelmente uma parte do Baixo Alentejo, se não mesmo parte do actual território espanhol a oriente do Guadiana.

O mesmo povo dos Cinetes aparece pouco depois, em Heródoto II, 33 e IV, 49 sob o nome de *Kynésioi* ou *Kynetes*. A semelhança das formas permite considerar estes três nomes como designações alternativas de uma mesma etnia.

Onde Avieno e Heródoto situam os Cinetes, Políbio, *Hist.* X, 7, 6, menciona os *Kónioi*. O autor escrevia nos meados do séc. II a. C. Parece legítimo perguntar se o nome de Cónios é uma terceira e mais moderna designação para a anterior etnia ou se, entre os séculos VI e II a. C., os Cinetes foram substituídos pelos Cónios. A pergunta parece, de momento, irrespondível com segurança.

No registo arqueológico, Caetano Beirão detecta uma considerável transformação no séc. V a. C.² Nessa data situa o trânsito da primeira para a segunda Idade do Ferro, no Sul de Portugal. A ter havido substituição de um povo por outro, este imigrante, o séc. V a. C. constituiria a data mais provável.

Na hipótese de uma substituição dos Cinetes pelos Cónios, donde teriam vindo estes últimos? O nome de Conimbriga é muitas vezes invocado como prova de uma ocupação do centro de Portugal pelos Cónios³. Poderíamos, por conseguinte, admitir, a título de hipótese, uma deslocação dos Cónios do centro para o Sul de Portugal, entre os séculos V e II a. C.

A verdade, porém, é que a análise etimológica do nome de Conimbriga não permite fundamentar a hipótese de os Cónios terem alguma vez vivido na região do Baixo Mondego⁴. Assim, ou imaginamos outra origem para os Cónios ou renunciámos à ideia de uma imigração.

Aparentemente, os historiadores gregos e latinos tomavam muitas vezes a parte pelo todo.

* Universidade do Coimbra

¹ A edição *princeps* tem *Lucis*. Sobre as emendas, vid. José Ribeiro Ferreira, *Ora Maritima*, Coimbra, 1985, p. 48, nota 39.

² Vid. por exemplo, C. de Mello Beirão e M. Varela Gomes, *Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*, in *Volume d'Homage au géologue G. Zhyzewski*, Paris, 1984, p. 456.

³ J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, V, Lisboa 1938, p. 58; A. Schulten, *Fontes Hispaniae Antiquae* (* F.H.A.), I, 1955², p. 106. Como exemplo de autor que mantém o relacionamento de Conimbriga com os Cónios, vid. Francisco Javier Lomas in *Historia de España Antigua, tomo I, Proto-História*, ed. Cátedra, Madrid 1980, p. 54.

⁴ R. Blondin, *Le Toponyme Conimbriga*, *Conimbriga*, 16, 1977, p. 145-159 e J. M. Piel, *Sobre os topónimos Conimbriga, Condeixa e Alcabideque*, *Conimbriga*, 16, 1977, p. 162.

Perturbados pela variedade e «barbarismo» dos nomes étnicos indígenas, renunciavam a mencioná-los a todos e escolhiam um nome que funcionava de designação colectiva⁵. Por outras palavras, podemos admitir a existência, no sul de Portugal, entre os séculos VI e II a. C., de vários povos, cada um deles com a sua designação própria: haveria os *Cynetes*, os *Conii* e possivelmente muitos outros de que não ficou memória. No tempo do périplo que serviu de base à *Ora Marítima*, os *Cynetes* seriam os mais importantes, e por isso o périplo recolheu esse nome; no séc. III ou II a. C., o predomínio político dos Cinetes ter-se-ia extinguido a favor dos *Conii*. Assim, podemos explicar a sucessão de nomes sem termos de recorrer à hipótese de imigrações, mas antes admitindo uma instabilidade política que, ao longo dos séculos, transferia de uns para outros o predomínio. Não teria havido deslocação de povos. No estado actual dos nossos conhecimentos, não nos ocorre outra hipótese; mas talvez o problema se possa vir a resolver de outra maneira quando se decifrar a escrita do Sudoeste, onde o nome *Konii* aparece com alguma frequência⁶.

Com os Cinetes, diz Avieno, confinavam os Cempsos, povos que vinham até ao litoral, pois neste se erguia um cabo chamado *Cempsicum*. Este cabo possivelmente corresponde ao Espichel⁷. É certo que o Périplo o indica sobranceiro a uma ilha, a de Ácala. Hoje não há ilha nenhuma à vista do Espichel; mas não custa nada a crer que, no séc. VI a. C., a actual península de Tróia fosse efectivamente uma ilha, só depois ligada a terra pelo estreito istmo da Comporta. Poderá objectar-se que a ilha de Ácala era habitada, pois Avieno diz: «Ácala lhe chamam os que lá vivem». Ora, em Tróia nunca se encontraram vestígios anteriores ao séc. I d. C., parecendo o lugar habitado só a partir da primeira metade daquele século. Talvez a expressão «os que lá vivem» possa interpretar-se no sentido de os que vivem naquela região e não necessariamente na ilha⁸.

Não é possível, nem recorrendo ao registo arqueológico, precisar o âmbito geográfico dos *Cempsí*, que ocupariam talvez o curso inferior do Sado. Mas a descrição geográfica de Avieno, que alude a um mar «sempre desfigurado por um lodo sujo», não corresponde à desembocadura do Sado, cujas águas, pelo contrário, deviam ter aquele «splendor e brilho cristalinos» que o autor latino considera normais em todos os lugares do oceano⁹.

Cempsos e Sefes, diz Avieno, compartiam «elevadas colinas do território de Ofiússa». Ofiússa é também, na *Ora Marítima*, o nome de um cabo que geralmente se identifica com o da Roca. Poderemos, talvez,

admitir que o território de Ofiússa se estendia do actual cabo Carvoeiro até ao Sado. Mas poderemos definir com mais rigor o território dos Sefes? Ainda segundo Avieno, no litoral dos Sefes «encontra-se a ilha Petânion e um amplo porto». Para Prescott Vicente, a ilha de Petânion corresponderia à península de Santa Catarina, do lado norte do estuário do Sado¹⁰. Para Scarlat Lambrino e Tavares da Silva, a ilha de Petânion seria a do Pessegueiro¹¹. Com igual verosimilhança poderia a ilha de Petânion ser o Bugio, irrelevante pela sua dimensão, mas suficiente, mesmo assim, para merecer referência num périplo; e o «grande porto» seria o estuário do Tejo. Nesta hipótese, os *Sefes* viveriam na actual Estremadura, entre o Tejo e o Mondego ou talvez, mais limitadamente, entre aquele rio e o Cabo Carvoeiro.

O território de Ofiússa, segundo Avieno, versos 171-172, ter-se-ia primeiramente chamado Estrímnis «por os Estrímnios habitarem aí lugares e campos»; «posteriormente um sem número de serpentes afugentou os moradores e deu o seu nome à terra deserta». Schulten considerou esta invasão de serpentes como uma forma mítica da invasão dos Sefes¹².

A referência de Avieno ao *pernix Ligus*, verso 196, tem suscitado muitas dúvidas. Mendes Correia propôs a emenda *Lusis*, Lambrino a de *Lucis* e Justino Mendes de Almeida sugeriu *Lycis*¹³.

Para estes autores, como, aliás, para muitos outros, *Lusis*, *Lucis* ou *Lycis* designaria os Lusitanos.

Quanto aos *Dragani*, Lambrino propôs a sua localização na Galiza, apoiado no topónimo *Dracina* que ali se observa¹⁴.

A interpretação de Avieno suscita, como se vê, sérias dúvidas; não se fizeram progressos consideráveis desde que Schulten editou, com abundantes comentários, a *Ora Marítima* e nós mesmos não sabemos ultrapassar anteriores investigadores. Se esta fonte literária, no que respeita à fachada atlântica ocidental, parece esgotada, será que o registo arqueológico nos proporciona alguns dados para uma etnogeografia e poderemos definir a origem étnica das populações referidas por Avieno?

2. O REGISTO ARQUEOLÓGICO

A cultura da primeira Idade do Ferro no sul de Portugal, entre os séculos VIII e V a. C., foi recentemente objecto de uma monografia por Cactano de Mello Beirão¹⁵. Conhecem-se 49 necrópoles e 20

⁵ Plínio, III, 4, 28; Estrabão, III, 3, 3; Mela, III, cap. 1.

⁶ J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, V, Lisboa, 1938, p. 59; Luís Coelho, Incrições da necrópole proto-histórica da Herdade do Pêgo-Ourique. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 5, 1971, p. 167-180.

⁷ Sobre a identificação do cabo *Cempsicum* com o Espichel vid. J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905, p. 18; E. Prescott Vicente, A foz do Sado e os territórios dos Cinetes e dos Cempsos no poema *Ora Marítima* de Avieno. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, 5, 1967, p. 68.

⁸ Sobre a identificação da ilha de Ácala com Tróia, vid. Fernando Bandeira Ferreira, A propósito do nome *Achale* ou *Acale* da *Ora Marítima* de Avieno. *Revista de Guimarães*, 69, 1959, p. 437-444.

⁹ Sobre o aspecto que poderia ter a foz do Sado vid Prescott Vicente, *art. cit.* na nota 7, p. 69.

¹⁰ Prescott Vicente, *art. cit.*, p. 69.

¹¹ Scarlat Lambrino, Les Celtes dans la péninsule Ibérique selon Avienus. *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, nouvelle série, 19, 1955-56, p. 15. Carlos Tavares da Silva, Escavações arqueológicas da Ilha do Pessegueiro. *Al-madan*, 2, 1983-84, p. 20.

¹² Schulten, in F.H.A., I, 1955², p. 100.

¹³ Mendes Correia, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924, p. 84-88; Scarlat Lambrino, Les Celtes dans la Péninsule Ibérique selon Avienus. *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, 19, 1955-56, p. 22-25; Justino Mendes de Almeida, A 'Orla Marítima' portuguesa num texto do séc. VI antes de Cristo. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, 4, 1967, p. 62.

¹⁴ Scarlat Lambrino, Sur quelques noms de peuples de Lusitanie. *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, 21, 1958, p. 87.

¹⁵ Cactano de Mello Beirão, *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (1.º âge du Fer)*, Paris, 1986.

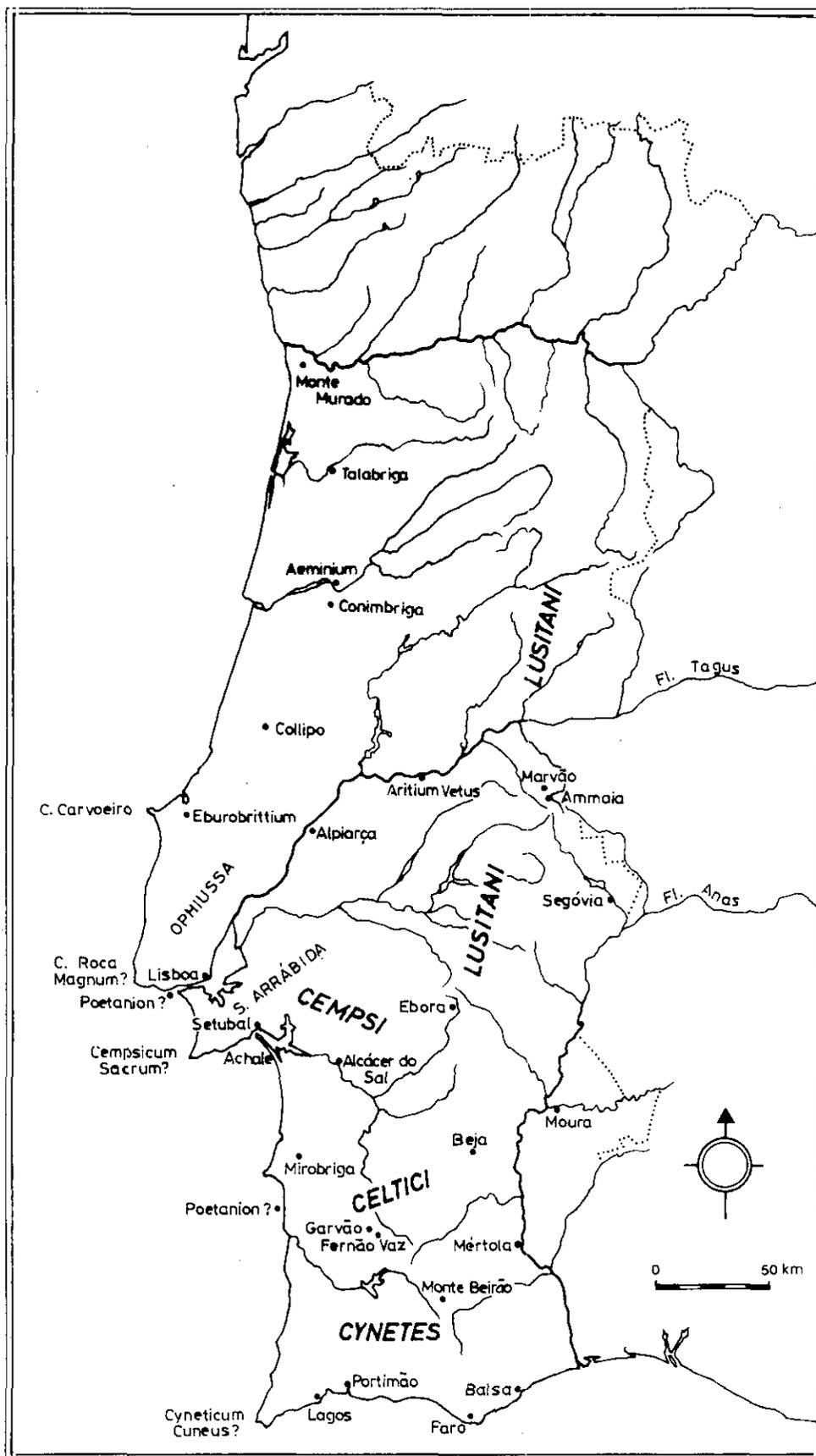


FIG. 1. Estações arqueológicas e povos do centro e do sul de Portugal.

povoados atribuíveis a essa época, na sua maior parte situados nos concelhos de Ourique e Almodôvar, no Baixo Alentejo.

O ritual funerário parece ter sido, inicialmente, o de inumação, embora talvez, na parte final da primeira Idade do Ferro, se tenha também praticado a incineração. Os corpos ou as urnas eram depositados em cistas que, frequentemente (pelo menos no Baixo Alentejo), eram cobertas com *tumuli*, circulares no início, quadrangulares mais tarde. Os *tumuli* encostavam-se ou justapunham-se uns aos outros, desenvolvendo-se como um favo. Nalguns túmulos colocavam-se estelas verticais, epigrafadas, que constituem um dos traços característicos da primeira Idade do Ferro. Infelizmente, apesar dos consideráveis esforços feitos, a escrita continua indecifrável: conhece-se o valor fonético dos caracteres, não se traduz o que as estelas dizem. As contas de vidro oculadas, os anéis com escaravinhos, as fíbulas anulares, os fechos de cinturão de colchetes ou garfos, a cerâmica de engobe vermelho tartesso-oriental associam-se, nas sepulturas, às pontas ou cotões de lança, a pontas de dardo e a facas de ferro. Infelizmente, o material não é muito abundante nas sepulturas devido à sua normal violação, em muitos casos ocorrida na Antiguidade, talvez até já na segunda Idade do Ferro.

Quanto aos povoados, poucos são os sondados; em dois deles (os de Fernão Vaz e Monte Beirão) parece detectar-se um fim violento, possivelmente ocorrido nos meados do séc. V a. C. Em Neves II, onde se observam dois núcleos de divisões rectangulares, recolheu-se uma importante inscrição de carácter não-funerário¹⁶. Algumas sondagens em Alcácer do Sal e Setúbal¹⁷, bem como escavações pouco metódicas e inéditas no castro de Azougada atingiram níveis que se devem atribuir ao mesmo horizonte cronológico-cultural: os séculos VIII a V a. C.

Esta é, sumariamente apresentada, a cultura material que se pode atribuir aos Cinetes.

Quanto à cultura dos Cónios, ou, por outras palavras mais correctas, à da segunda Idade do Ferro no sul de Portugal, é quase desconhecida por falta de escavações. Esperemos que os trabalhos em curso de Ana Arruda possam trazer-nos alguma luz. Não podem todavia esquecer-se como estações integráveis na Segunda Idade do Ferro, o santuário de Garvão e a necrópole de Alcácer do Sal.

Em Garvão foi, em 1982, descoberto um depósito votivo em fossa artificial, ovalada, com cerca de 10 por 5 metros. Grandes vasos de barro com boca larga encontraram-se repletos de peças de cerâmica menores; outros recipientes cerâmicos acharam-se acondicionados de forma visivelmente intencional entre ou sobre os contentores. As centenas de peças recolhidas constituíam um depósito secundário de ex-votos, enterrado na segunda metade do séc. III a. C. O «tesouro» incluía ainda duas representações antropo-

mórficas sobre placas de prata, com atributos próprios de Tanit, e 13 placas de ouro e prata, oculadas¹⁸.

A necrópole de Alcácer do Sal, escavada por Vergílio Correia, não foi objecto de publicação adequada, embora seja numerosa a bibliografia sobre a estação¹⁹.

Gustavo Marques, por seu lado, procurou definir uma cultura, que designou por Alpiarça, centrada no Vale do Tejo e na Estremadura²⁰; cronologicamente atribuível aos séculos V e IV a. C., seria a cultura dos Cempsos. Possivelmente, Cempsos e Sefes compartiriam a mesma cultura material; nada, pelo menos por enquanto, nos permite afirmar a existência de uma cultura dos Cempsos, distinta da dos Sefes.

«A cerâmica, diz o autor, constitui por enquanto, o elemento mais constante e o mais importante, para a avaliação da cultura». Gustavo Marques definiu 24 formas, integráveis em 8 tipos, todos subdivisíveis em 3 variantes. Os materiais metálicos associados seriam a fibula de dupla mola e os braceletes múltiplos de bronze; o ferro seria de uso comum.

A cultura de Alpiarça está insuficientemente caracterizada, quer no espaço, quer no tempo; mas a definição das formas cerâmicas próprias constituiu um ponto de partida de investigação infelizmente não prosseguida.

3. A FILIAÇÃO ÉTNICA DOS POVOS CITADOS NA ORA MARITIMA

Heródoto diz que os *Keltoi* eram, no extremo ocidental da Europa, vizinhos dos *Kynésioi*. Desta referência parece dever concluir-se que os Cinetes não eram Celtas; estes seriam provavelmente os Cempsos e os Sefes.

O celtismo dos Cempsos e dos Sefes foi admitido por Bosch-Gimpera²¹ e por Lambrino²². Os argumentos dos dois autores baseiam-se em paralelos linguísticos. Assim, Bosch-Gimpera aponta, como paralelo para o nome dos *Cempsi*, o etnónimo *Campsiani* da Vestefália e Lambrino relaciona o topónimo *Sefulae* do nordeste da Gália com o nome dos Sefes. Não cremos que os paralelos linguísticos possam ser aduzidos para provar uma origem geográfica: no vasto domínio indo-europeu, etnónimos e topónimos afins poderiam facilmente repetir-se. Assim, a hipótese de uma deslocação de Cempsos e de Sefes da Vestefália e do nordeste da Gália para a fachada atlântica portuguesa é uma hipótese que tem de ser acolhida com sérias reservas.

¹⁸ Caetano de Mello Beirão *et alii*, Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português*, 4.ª Série, 3, 1985, p. 45-136.

¹⁹ Citamos os artigos de Vergílio Correia incluídos nas suas *Obras*, IV, Coimbra, 1972, p. 127-200; vid. ainda Wilhelm Schüle, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1969, *passim*.

²⁰ Gustavo Marques e Gil Miguéis Andrade, Aspectos da Proto-História do território português. I. Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, 1.º vol., Porto, 1974, p. 125-148.

²¹ P. Bosch-Gimpera, *El poblamiento antiguo y la formación de los pueblos de España*, México, 1945, p. 126-127; *idem*, Two Celtic Waves in Spain, *Proceedings of the British Academy*, 26, 1942, p. 44 e 71.

²² Scarlat Lambrino, *art. cit.* na nota 14, p. 87; *idem*, Les Celtes dans la péninsule Ibérique selon Avienus, *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, 19, 1955-1956, p. 5-33.

¹⁶ Maria Garcia Pereira Maia e José A. Correa, Inscripción en escritura tartésia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico, *Habis*, 16, 1985, p. 243-274.

¹⁷ Carlos Tavares da Silva *et alii*, Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979), *Setúbal Arqueológica*, 6-7, 1980-81, p. 151-188; Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, Na procura das origens de Setúbal, *Al-madan*, 3, 1984 p. 2-3.

Reservas também se poderão formular à ideia de os Cinetes não serem Celtas, agora que José A. Correa julgou reconhecer um antropónimo de raiz céltica na estela de Alcoforado²³. Poderíamos manter a hipótese do não-celtismo dos Cinetes, que teriam eventualmente adoptado na onomástica pessoal alguns nomes dos Celtas com os quais estariam em contacto; ou, noutra eventualidade, alguns Celtas poderiam ter-se infiltrado entre os Cinetes. Mas o assunto merece mais reflexão, pois são raríssimos, na época romana, os antropónimos meridionais de raiz não-céltica²⁴. Se os Cinetes tinham uma onomástica pessoal própria, esta desapareceu surpreendentemente na época romana.

4. A FACHADA ATLANTICA, SEGUNDO PTOLOMEU

Muito distante, no tempo, da *Ora Maritima*, a *Geografia* de Ptolomeu, II, 5, parece constituir uma fonte importante para a definição das unidades etnográficas do período que precedeu imediatamente a conquista romana. Ptolomeu não fala de Sefes nem de Cempos, de Cónios nem de Draganos; integra em três grandes grupos os aglomerados urbanos do território actualmente português: cidades dos Turdetanos, dos Célticos e dos Lusitanos. Apesar de muitos aglomerados urbanos que menciona permanecerem ignorados, parece-nos possível definir as áreas geográficas que atribui a cada uma destas grandes etnias.

O geógrafo designa Balsa e Osso-noba, Myrtilis e Pax Julia, Salacia e Caetobriga (que nomeia Caitobrix) como cidades dos Turdetanos. Não há dúvidas quanto à localização destas cidades: Balsa situa-se perto de Tavira; Osso-noba corresponde a Faro, Myrtilis a Mértola, Pax Julia a Beja, Salacia a Alcácer do Sal, Caetobriga a Setúbal. Se o nome primitivo de Salacia foi Cantnipo, como recentemente António Faria defendeu²⁵, esse nome, pela sua desinência —*ippo*, adequar-se-ia perfeitamente a uma cidade turdetana. Estranho é que uma cidade como Caitobrix— ou Caetobriga apareça designada como túrdula; pelo nome, esperaríamos a sua inclusão entre as Célticas.

A área dos Turdetanos, segundo Ptolomeu, corresponde sensivelmente ao território dos antigos Cinetes. Pelo facto de Ptolomeu a apelidar de turdetana, não temos forçosamente de imaginar uma imigração da zona do Guadalquivir. Do séc. VI a. C. até à conquista romana, talvez o Sul de Portugal não tenha etnicamente mudado: Cinetes, Cónios e Turdetanos seriam essencialmente a mesma população, diversamente designada por vários autores em diferentes épocas.

As cidades que Ptolomeu atribui aos Célticos são: Laccobriga, Caepiana, Braetoleum, Mirobriga, Arco-briga, Meribriga, Catraleucus, Turres Albae, Arandis. Destas, apenas Mirobriga pode localizar-se com rigor: corresponde às ruínas hoje visíveis junto de Santiago de Cacém. Arandis deve situar-se freguesia de Ourique, Santa Luzia, Colos ou Garvão, mas o seu *ubi* exacto permanece ignorado.

Quanto a Laccobriga, todos os autores a têm localizado na área de Lagos. A dúvida estaria apenas em saber-se se corresponde à moderna cidade de Lagos ou ao Monte Molião, que lhe fica muito próximo. Pelas coordenadas ptolomaicas, a cidade localizar-se-ia, porém, no paralelo de Olisipo, a oriente desta cidade, isto é, na margem esquerda do Tejo.

O texto de Mela III, 1, 7²⁶ talvez se possa aduzir em abono desta segunda localização. Diz o geógrafo que *Laccobriga* e *Portus Hannibalís* ficavam situados no promontório *Sacrum*²⁷. Tem-se identificado este cabo com o de S. Vicente²⁸ e procurado *Portus Hannibalís* nas vizinhanças de Portimão. É certo que o *Sacrum* de Estrabão III, 1, 4, e de Plínio II, 242 parece corresponder ao cabo de S. Vicente. Mas, no texto de Mela, o cabo Cúneo parece o de S. Vicente; o *Sacro* o Espichel; e o *Magno*, o da Roca. Assim, Mela situaria *Laccobriga* e *Portus Hannibalís* na área do Sado e concordaria com Ptolomeu quanto à localização de Lacobriga; esta deveria procurar-se algures na península de Arrábida²⁹.

A localização de *Laccobriga* tem considerável incidência na etnografia do sul de Portugal, dado que a terminação *briga* sugere uma cidade dos Célticos; aliás, Ptolomeu inclui-a, como vimos, entre as cidades célticas. Se a situamos em Lagos, temos de levar os Célticos até ao Algarve ocidental; se a identificamos na Arrábida, podemos admitir que todo o Algarve era terra de Turdetanos, ficando os Célticos no Alentejo ocidental.

Talvez os Célticos se tenham, inicialmente, estabelecido em todo o território de Tejo até à Serra de Monchique. Os Túrdulos, posteriormente, teriam dominado o baixo Sado e o baixo Tejo, visto que Caetobriga, Salacia e Olisipo eram cidades túrdulas, esta pela desinência e as outras porque Ptolomeu as afirma como tais. Neste contexto, não podemos

²⁶ Diz o geógrafo: «A Lusitânia, além do rio Anas, olha para o mar Atlântico; dilata-se a princípio com ânimo decidido; depois reprime-se, e mais ainda se recolhe que a província da Bética. No seu desenvolvimento recebe em si duas vezes o mar, e fica dividida em três promontórios. Ao mais próximo do rio Anas, porque principiando em grande extensão se vai apertando nos flancos a formar ponta, pouco a pouco, lhe chamam o cabo Cúneo; ao seguinte, o *Sacro*; e *Magno* ao que mais avante demora. No Cúneo estão situadas as cidades de Myrtilis, Balsa e Osso-noba; no *Sacro*, Lacóbriga e Porto de Hanibal; no *Magno*, Eborá. Os golfos ficam intermédios, e num se coloca Salácia, noutro Olisipo e a foz do Tejo, rio que produz ouro e pedras preciosas. Desde estes três promontórios até à parte que se retira para dentro, sobressai a margem por largo espaço em curva, e nela estão os Túrdulos antigos e suas cidades».

²⁷ Na edição de Mela preparada por Virgílio Bejarano para as *F.H.A.* VII, 1987, o topónimo Laccobriga aparece substituído, sem explicação, por Caetobriga.

²⁸ J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905 p. 9.

²⁹ A esta hipotética Lacobriga da Arrábida se reportará o episódio referido por Plutarco na sua *Vida de Sertório* (= *F.H.A.* IV, 1937, p. 173 e 152).

²³ José A. Correa, Estela em escritura tartesia (o del SO.) hallada en Alcoforado (Odemira, Baixo Alentejo), *Archivo Español de Arqueología*, 61, 1988, p. 197-200.

²⁴ Vid. José d'Encarnação, *Inscrições romanas do conventus pacensis*, Coimbra, 1984 e a recensão bibliográfica de Untermann publicada em *Berträge zur Namenforschung*, 22(2), 1987, p. 187-188. Na onomástica do sul de Portugal, na época romana, apenas *Brocina* parece nome não-indoeuropeu.

²⁵ Em artigo a publicar na revista *Conimbriga*, artigo cuja leitura o autor gentilmente nos facultou.

esquecer os *Bardili* que Plínio IV, 35, 118 menciona entre as *civitates* da Lusitânia. A designação sugere também um povo túrdulo. Os *Bardili* constituíam uma *civitas* que até agora não foi possível localizar. Numa recente revisão das *civitates* de Portugal romano, sugerimos a sua situação no vale de Sorraia³⁰.

Ao falarmos de uma área céltica e de uma área túrdula não imaginamos dois povos estabelecidos em áreas mutuamente exclusivas. Numa e noutra haveria uma considerável miscigenação de população. Nalgumas cidades, porém, o predomínio seria túrdulo, e isso seria visível na língua mais falada, nos cultos predominantes, até na maneira de construir ou de vestir. A Arrábida e o Baixo Sado apresentam-se como a área onde os dois povos estariam mais em contacto e talvez devamos procurar aqui o ponto de partida daquela emigração de *Turduli* e *Celtici* para norte a que alude Estrabão III, 3, 5.

A emigração de *Turduli* para a fachada atlântica entre o Tejo e o Douro está confirmada por Mela, pela topomímia e por fonte epigráfica. Mela III, 1, 8 situa nesta área os *Turduli Veteres* e os *Turdulorum Oppida*. Os nomes de Olisipo (Lisboa) e Collippo (S. Sebastião de Freixo, nas proximidades de Leiria) testemunham a presença de Túrdulos na Estremadura e na Beira Litoral: seriam dois desses *Turdulorum Oppida* a que Mela se refere. Quanto aos *Turduli Veteres*, a sua presença a sul do Douro foi recentemente confirmada por duas *tesserae hospitales* encontradas por Armando Coelho no castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Gaia)³¹.

Por que razão os *Turduli* da margem esquerda do Douro se chamariam *Veteres*? Para se distinguirem dos outros Túrdulos que ocupavam cidades como Collipo e Olisipo? Seriam estes *Turduli, novi*, ou, por outras palavras, Túrdulos que teriam emigrado posteriormente?

A data da emigração de *Celtici* e *Turduli* a que Estrabão alude não pôde ainda estabelecer-se. Armando Coelho situa-a nos fins do séc. VI ou nos inícios do V a. C., época em que parece verificar-se uma alteração da cultura material castreja³². Nesta data situa o autor o trânsito da sua fase I B para a fase II A da cultura castreja. A hipótese não se nos afigura inteiramente convincente. Convém admitir outras datações alternativas e, eventualmente, a segunda metade do séc. III a. C., quando a pressão dos Cartagineses se deve ter feito sentir no sul de Portugal.

Talvez nesta data se deva admitir considerável instabilidade no sul: àquela que advinha dos Cartagineses poderia juntar-se a de Celtiberos. Com efeito, J. Morais Arnaud identificou em diversas estações do Alentejo uma cerâmica estampilhada que tem a sua

origem entre os Arévacos³³. Tais cerâmicas, produzidas desde os finais do séc. IV a. C., são difíceis de valorizar: documentam uma imigração dos Celtiberos ou apenas relações comerciais com a Meseta?

5. OS LUSITANOS

Os Lusitanos, com fé nos raros testemunhos que da sua língua nos ficaram, têm sido considerados como uma população indo-europeia pré-céltica. Poderíamos admitir uma imigração anterior à que trouxe os Cempsos e os Sefes; mas que sabemos nós da língua cempsica ou séfica para falarmos em anterioridade de imigração?

No território dos Lusitanos inclui Ptolomeu diversas cidades a norte do Tejo; mas cita também Ammaia e Ebora. Talvez em Ptolomeu se conserve memória daquela área que os Romanos terão chamado Lusitânia no séc. II a. C.

Tal como foi definida por Augusto, a Lusitânia compreendia todo o actual território português a sul do Douro. No séc. II a. C., porém, era aparentemente mais reduzida a área que assim se designava. Não temos, nas fontes gregas ou latinas, uma clara definição do que era, nessa data, a Lusitânia. Não podemos todavia esquecer que Orósio 42, 10, fala de Lusitanos *citra Tagum Flumen* e que Políbio 35, 2, inclui Nertobriga (que corresponde a Fregenal de la Sierra, sensivelmente na latitude de Moura) na Lusitânia. A Lusitânia do séc. II a. C. compreenderia, pois, não apenas a Beira Alta e a Beira Baixa, mas também uma boa parte do Alentejo.

Os dados da onomástica pessoal concordam com esta definição do território. Com efeito, José d'Encarnação verificou um nítido predomínio da onomástica «lusitana» no nordeste alentejano, desde Évora a Marvão³⁴. Esta onomástica pode explicar-se por aquela transferência de população a que alude Estrabão em III, 1, 6. Infelizmente, o contexto da afirmação estraboniana não permite datar a transferência. Ter-se-á esta feito para território ocupado por outros *populi*, ou para terras que eram já, à data, lusitanas? A segunda hipótese parece-nos mais aceitável.

A designação de Lusitânia correspondeu possivelmente na origem a um conceito geo-estratégico. Tentando reconstituir a classificação territorial realizada pelos Romanos no séc. II a. C., quando chegaram ao Ocidente peninsular, diremos que dividiram a área em três zonas: a Turdetânia, a Céltica e a Lusitânia. Esta compreenderia não apenas o território entre Tejo e Douro, mas também o Alto Alentejo, onde se situavam Ebora e Ammaia. O limite meridional de Lusitânia, tal como os Romanos o entendiam no séc. II a. C., poderá talvez reconstituir-se aproximadamente através da fronteira que parece ter sido a de Sertório. As posições de Q. Cecílio Metelo Pio terão

³⁰ Numa comunicação apresentada ao colóquio *Les villes de Lusitanie romaine: hiérarchies et territoires*. Talence, 8-9 décembre 1988: a publicar nas respectivas Actas.

³¹ Armando Coelho Ferreira da Silva, *As tesserae hospitales do castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso, Vila Nova de Gaia)*. *Gaya*, 1, 1983, p. 9-26.

³² Armando Coelho Ferreira da Silva, *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986, p. 37.

³³ José Morais Arnaud e Teresa Júdice Gamito, Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do sul de Portugal I. Cabeça de Vaimonte-Monforte. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 7-9, 1974-1977, p. 165-202.

³⁴ José d'Encarnação, *Inscrições Romanas do conventus pacensis*, Coimbra, 1984, p. 777.

sido Metellium (sobre o Guadiana), Castra Caecilia (perto de Cáceres), Azuaga (na província de Badajoz)³⁵ e Caeciliana (nas proximidades de Setúbal)³⁶. Sertório, pelo seu lado, teria Segóvia (perto de Elvas)³⁷ e a Lacobriga que situámos na Arrábida³⁸.

Estabelecidos num tão vasto território, os Lusitanos não seriam um *populus*, mas um conjunto de *populi*, aos quais os Romanos fizeram corresponder diversas *civitates*: no Alentejo, pelo menos Eborá, Ammaia, Aritium Vetus³⁹; a norte do Tejo, aquelas que se encontram citadas na inscrição da ponte de Alcântara, CIL II 760.

Permanece o problema de saber se os *populi* da fachada a norte do Tejo eram, no séc. II a. C., integrados na Lusitânia; por outras palavras, seriam os *Turduli Veteres* e os povos da Talabriga, Aeminium, Conimbriga, Collipo, Eburobritium e Olisipo integrados na Lusitânia ou na Turdetânia? O testemunho de Ptolomeu parece dever inclinar-nos para a primeira hipótese. Sendo assim, a Lusitânia seria, do ponto de vista socio-político, uma área na qual se contrapunham duas estruturas: à organização tribal do interior corresponderia, no litoral, uma organização já próxima da cidade-estado, de que Talabriga, Aeminium, Conimbriga, Collipo, Eburobritium e Olisipo seriam os centros. Não podemos esquecer o passo de Plínio IV, 113 que parece situar no Vouga uma fronteira cultural: até este rio cita *populi*, abaixo dele menciona *oppida*.

Quanto à cultura material dos Lusitanos, o nosso desconhecimento é total, por falta de escavações na Beira. Esperemos que os trabalhos de Raquel Vilaça, orientados sistematicamente para o estudo do Bronze Final na Beira Baixa, possam esclarecer-nos sobre essa cultura, pelo menos nas fases iniciais. Preencher-se-ia assim um vazio lamentável da nossa Proto-História.

O problema da origem étnica dos Lusitanos é complexo e tem sido longamente debatido.

Mendes Correia foi defensor de uma tese de autoctonidade⁴⁰. Os Lusitanos teriam raízes longínquas no período neolítico ou calcolítico: constituiriam uma população de longa data estabelecida na Beira. Teriam sido, é certo, influenciados pelos Celtas, mas estes não se teriam fixado na Beira de forma maciça, susceptível de alterar substancialmente o fundo étnico.

Bosch-Gimpera, pelo contrário, considerava os Lusitanos como um povo ibérico, isto é, oriundo da área mediterrânica da Espanha, donde teria emigrado em data anterior ao séc. VI a. C., visto que é citado na *Ora Maritima*⁴¹.

A opinião de Schulten sobre o mesmo assunto parece oscilar entre o iberismo e o celtismo dos Lusitanos⁴².

Lambrino, fundando-se no celtismo dos antropónimos e dos teónimos da Beira, inclinou-se declaradamente para uma origem indo-europeia, céltica, dos Lusitanos, aventando mesmo a hipótese da uma proveniência alpina⁴³.

CONCLUSÃO

A maior parte dos autores considera os Cínios e Cónios como uma população não indo-europeia. Subscrevemos a mesma conclusão, embora os estudos de José A. Correa sobre a língua dos Cónios nos deixem perplexos. O progresso desses estudos poderá vir a demonstrar o carácter indo-europeu dos próprios Cónios.

A localização segura dos Cempsos e Sefes permanece uma incógnita e só eventualmente através do registo arqueológico se poderão algum dia definir com aproximação as respectivas fronteiras. Dado que as escavações, passadas ou programadas, no âmbito geográfico provável destes povos são raras, não será nos anos mais próximos que o problema se esclarecerá. Acresce que a cultura material dos dois povos poderá ser idêntica, dificultando uma definição de fronteiras.

As tentativas de Bosch-Gimpera e de Lambrino para definir, através de paralelismos toponímicos, as origens de Cempsos, Sefes e Lusitanos devem ser acolhidas com reservas, particularmente agora que Renfrew pretende remontar ao Neolítico a origem e difusão europeia dos Indo-europeus⁴⁴. O registo arqueológico, infelizmente muito incompleto, não prova a emigração de povos para a fachada atlântica ocidental da Península no decurso da primeira metade do primeiro milénio a. C.

Os Lusitanos, tradicionalmente localizados na Serra da Estrela, devem antes procurar-se eventualmente na vertente oriental desta serra, na Cova da Beira e no Alto Alentejo; esta última área deve considerar-se parte integrante do território dos Lusitanos.

Os Lusitanos não seriam um povo; o nome foi utilizado pelos Romanos como um colectivo para designar vários povos, alguns dos quais são citados na inscrição da ponte de Alcântara, CIL II 760. Este colectivo seria utilizado no séc. VI a. C., na época em que a *Ora Maritima* utilizou a expressão *Lucis, Lysis* ou *Lysis* para designar os Lusitanos.

³⁵ Vid. Claude Domergue, Un témoignage sur l'industrie minière et métallurgique du plomb dans la région d'Azuaga (Badajoz) pendant la guerre de Sertorius. *XI Congresso Nacional de Arqueologia*, Saragoça, 1970, p. 608-626.

³⁶ A. Schulten, F.H.A., IV, 1937, p. 174-175.

³⁷ Teresa Júdice Gamito, The *oppidum* of Segóvia (Elvas, Portugal) and the decisive battle between Metellus and Hirtuleius, Sertorius quaestor in Hispania Ulterior, *Bulletin of the Institute of Archaeology, University of London*, 23, 1986, p. 17-27.

³⁸ Vid. *supra*.

³⁹ Talvez se devam ainda situar no Alto Alentejo duas outras *civitates*: Concordia e Abelterium. Vid. a minha comunicação citada na nota 30.

⁴⁰ Mendes Correia, *Os povos primitivos da Lusitânia*.

⁴¹ Bosch-Gimpera, *El poblamiento antiguo...*, p. 150.

⁴² Não é de facto clara a posição de Schulten em *Viriato*. Porto, 1927. Vid. o comentário de Lambrino às ideias de Schulten em Lambrino, *Les Lusitaniens, Euphrosyne*, 1, 1957, p. 119-120.

⁴³ Vid. *art. cit.* na nota anterior, particularmente p. 124.

⁴⁴ Colin Renfrew, *Archaeology and Language. The puzzle of Indo-European origins*. Londres, 1987.

